

Megan Maxwell

Uma Prova de Amor

Guerreiras Maxwell – 5

Tradução
Cristina Vaz

 Planeta

Por vezes, por muito fortes que sejamos, as forças falham-nos a todos.

Ninguém é indestrutível. Ninguém é inquebrantável.

Mas é nessas circunstâncias que devemos olhar para o nosso interior, cerrar os dentes, acreditar em nós e dizermo-nos alto e bom som: «Eu consigo!»

Por isso, quero dedicar este livro a todas as guerreiras e aos guerreiros Maxwell que apostaram nesse «Eu consigo!» e, se caíram cinco vezes, levantaram-se seis.

A vida são dois dias, um dos quais possivelmente já o vivemos, para quê desperdiçarmos o que nos resta arruinando o nosso presente enquanto recordamos um passado que já não tem futuro nem solução.

Viva e apaixone-se!

Está aqui para ser feliz.

Mil beijos,

MEGAN

Capítulo 1

Reino de Sogn, Noruega

Vozes nórdicas de mulheres a cantarem em linguagem rúnica animavam a festa de enlace entre o jovem Harald Hermasen, da aldeia de Borgund, e a encantadora Ingrid Ovesen, de Ski.

Ouviam-se os tambores feitos de pele de rena, as *tagerlharpas*, fabricadas com crina de cavalo e cornos de cabra, enquanto umas cem pessoas dançavam em volta das enormes fogueiras e se divertiam.

De onde se encontrava, Demelza via o seu pai, Yngve, a comer salmão enquanto bebia um grande copo de *bjorr*, um licor forte feito com sumo de fruta fermentada.

Yngve Ovesen, antigo e corajoso guerreiro, era um agricultor que se dedicava à criação de ovelhas, vacas e cabras, às quais tirava o leite para fazer queijo e manteiga. A especialidade de Yngve e da sua família era o *skyr*, um leite espesso salgado e fermentado que guardavam em grandes tinas e que depois vendiam no mercado, sendo este um produto que durava todo um Inverno.

Satisfeita, Demelza sorriu, tocando na sua longa cabeleira ruiva. Ver o pai na brincadeira com a mulher que ultimamente o fazia sorrir enchia-a de alegria. No seu povo a poligamia era permitida, e se isso deixava o seu pai feliz, quem era ela para o questionar?

Tinha sido um ano duro, muitíssimo complicado por tudo o que acontecera na família, mas o casamento da sua irmã era o começo de algo bonito e tinham de o encarar desse modo.

Estava a pensar nisso quando o pai veio ter com ela e, tocando-lhe com carinho no *kransen*, a coroa de flores que ela trazia sobre o cabelo solto, perguntou-lhe:

– A minha *Ruiva Selvagem* está a divertir-se?

Demelza sorriu, as pessoas que mais gostavam dela chamavam-na dessa forma.

– Muito, pai – respondeu.

Porém Ingve sabia que estava a mentir; nos últimos tempos, a vida não tinha tratado Demelza bem. O homem sentou-se ao lado dela e murmurou, olhando para o céu:

– Vês a escuridão da noite?

A jovem ergueu os olhos. O céu estava lindo.

– Faça o que fizeres – prosseguiu o pai num murmúrio –, nada impedirá que se ilumine quando amanhecer. Do mesmo modo que, faça o que fizeres, nunca poderás impedir que a cor dos teus olhos fale por ti.

Compreendendo as suas palavras, Demelza suspirou. Era sabido por todos que os seus olhos azuis mudavam de tonalidade segundo o seu estado de espírito, algo que sempre a denunciara, e pouco podia fazer para o evitar.

Estava a sorrir por causa disso quando Grunde, um vizinho, veio ter com eles. O pai e o homem falaram sobre um problema que este tinha com o pagamento de uns impostos, e Yngve ofereceu-se sem nenhum comentário a ajudá-lo.

Assim que o homem se foi embora, Demelza comentou:

– É bonito o que vais fazer por ele.

Yngve sorriu. Grunde era boa pessoa.

– Há sempre alguém que precisa de ajuda e que provavelmente está pior do que nós – afirmou. – Portanto, nunca te esqueças, filha, a ajuda tem de ser oferecida de coração.

A jovem assentiu, e ele continuou:

– És minha filha. A minha guerreira. A mulher mais intuitiva e corajosa que alguma vez conheci e que tive o prazer de criar, mas preciso que entendas que o passado não tem nada de novo para te dizer.

– Pai...

– Demelza, escuta. Sei que me perdoaste pela minha desacertada decisão a respeito do inominável... Sossega, não vou falar disso. E sei que me perdoaste porque mo dizem os teus olhos quando me fitam, o teu carinho quando me falas e a tua maneira de me amar quando me abraças.

Demelza sorriu e ele, pegando com afecto na mão da filha, levou-a ao coração e, olhando-a nos olhos, disse:

– Ele está aqui. Contigo. Comigo. Com todos o que o amamos e recordamos, mas há que seguir em frente, filha. Há que continuar a caminhar porque, se paras, a dor, a raiva e a frustração podem paralisar-te, e isso Haakon não te vai perdoar.

A jovem concordou, o pai tinha razão, pelo que, contendo a emoção que pensar em Haakon provocava nela, assegurou, ao observar que o broche que ele trazia, e que apenas usava em ocasiões especiais, estava aberto:

– Eu sei, pai. Eu sei...

A jovem apressou-se a pegar no broche trabalhado com a pedra negra e replicou:

– Tens de consertar o encaixe ou vais perder o broche do avô.

O homem assentiu, a peça estava torcida, e, ao vê-la virá-la, comentou:

– Sempre gostaste desse provérbio nórdico, não é verdade?

Demelza concordou e leu a inscrição:

– «Antes de entrares num local, repara por onde se pode sair.»

Acto contínuo, pai e filha sorriram, e o primeiro comentou:

– O teu avô dizia que, onde quer que entrasses ou o que quer que fizesses, era sempre preciso ter consciência das saídas que havia para procurar uma solução. Terias gostado do teu avô.

– De certeza que sim – afirmou ela.

– Amanhã vou levá-lo ao Herson para ele o arranjar – disse Yngve enquanto ela lho prendia de novo na lapela.

Porém Demelza sorriu e, piscando-lhe um olho, retorquiu:

– Amanhã vais esquecer-te e voltarei a lembrar-te da próxima vez que o puseres.

O homem soltou uma gargalhada, a filha tinha razão, e murmurou com carinho:

– De certeza que vais arranjá-lo primeiro que eu.

– De certeza – anuiu ela, e suspirou.

Yngve abanou a cabeça. Travara muitas batalhas. Demasiadas. Ainda assim, a mais difícil estava diante de si. Necessitava de ver a filha feliz, ela merecia-o. Acariciou-lhe o contorno do rosto com carinho e disse:

– Ambos sabemos que cá se fazem, cá se pagam, não é verdade?
– A jovem anuiu com a cabeça e ele, tocando no broche com afecto, acrescentou: – Mas enquanto esse momento não chega, não cometas o erro de arruinar o teu presente recordando um passado mau que já não tem futuro nem solução. Compreendes, Demelza?

A jovem sorriu. Gostava das conversas que tinha sempre com o pai, eram especiais, diferentes, maravilhosas. E, disposta a demonstrar-lhe que seguiria o seu conselho, levantou-se e, com um gesto gracioso, perguntou-lhe:

– Que tal dançares?
– Contigo?

Demelza riu-se e, olhando para Alvilda, a mulher com quem Yngve se divertia ultimamente, replicou:

– Divertir-me-ei mais dançando contigo. Com a minha guerreira.

Sem hesitar, Demelza aceitou a mão dele e, encantados, ambos dançaram felizes.